

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPINA GRANDE - CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ EUDES FERREIRA DA SILVA

**UMA INSTITUIÇÃO CONFSSIONAL MASCULINA: O DIOCESANO PIO X E
SUAS REPRESENTAÇÕES, PRÁTICAS E CULTURA ESCOLAR DOS ANOS 1894-
1910.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

JOSÉ EUDES FERREIRA DA SILVA

**UMA INSTITUIÇÃO CONFSSIONAL MASCULINA: O DIOCESANO PIO X E
SUAS REPRESENTAÇÕES, PRÁTICAS E CULTURA ESCOLAR DOS ANOS 1894-
1910.**

Monografia apresentada ao Curso
de História da Universidade
Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Graduado em
História.

Orientador:

Prof^º Dr^º Ramsés Nunes e Silva.

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586u SILVA, José Eudes Ferreira da

Uma instituição confessional masculina [manuscrito] O Diocesano Pio X e suas representações, práticas e cultura escolar dos anos 1984-1910/ José Eudes Ferreira da Silva. 2014.

33 p. : il.

Digitado.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de educação, 2014.

“Orientação: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva, Departamento de História”.

“Co-Orientação: Profª. Dra. Patrícia Cristina Araújo Aragão, Departamento de História”.

1. História da Educação 2. Colégio Diocesano Pio X 3. Cultura Escolar I. Título.

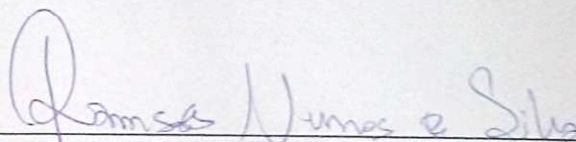
21. ed. CDD 370. 9

JOSÉ EUDES FERREIRA DA SILVA

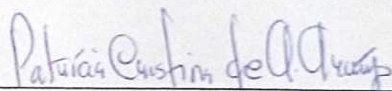
**UMA INSTITUIÇÃO CONFSSIONAL MASCULINA: O DIOCESANO
PIO X E SUAS REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS E CULTURA
ESCOLARES 1894-1910**

Monografia apresentada ao
Curso de História da Universi-
dade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Graduado
em História.

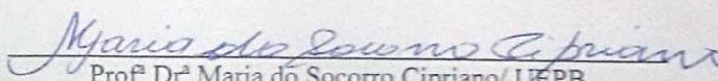
Aprovada em 09/12/2014.



Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva / UEPB
Orientador



Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB
Examinadora



Profª Drª Maria do Socorro Cipriano / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTO

Fruto do labor de alguns anos, meses e dias, o presente trabalho é uma conquista que não é só minha, por isso, dedico, mormente, **aquele que me concedeu o dom da vida**, pois é incomensuravelmente justo. Também à minha família, vocês que foram suporte em todos os momentos de minha vida, primeiramente a minha querida mãe, **Ana Ferreira da Silva**, você mãe que esteve comigo em todos os momentos de minha caminhada, lembro-me que tive muitas vezes doente e você esteve sempre comigo, me dando forças. A meu pai, **Severino Vieira da Silva**, você pai que sempre foi paciente e calmo, exemplo para minha pessoa. Aos meus irmãos, primeiro, a você **João Paulo Ferreira da Silva**, copia perfeito de pai, calmo e paciente e, sempre fraterno em nos ajudar, obrigado por tudo meu velho irmão, minha vitória sem dúvida passa pela sua existência e apoio. A minha única irmã **Ana Paula da Silva Cavalcante**, você irmã que tem toda minha consideração, obrigado pelos conselhos que sempre me tece e me ajuda. A você **David da Silva Cavalcante**, sobrinho querido, um dia eu espero ler também seu trabalho, pois você é uma criança inteligente e, que precisa apenas se esforçar mais um pouco. Você **Edson Ferreira da Silva**, irmão caçula obrigado por você existir, pois sua pessoa completa nossa família. Também não posso esquecer-me de você **Luiz Antônio**, cunhado e pedreiro que merece, sem dúvida, minha consideração.

A família da minha namorada também merece aqui, uma ênfase, pois são pessoas que tem me tratado muito bem desde que as conheci e, para tanto, merece um espaço neste modesto trabalho. Mormente você **Andreza Costa** que tem sido meu braço direito nestes últimos anos, saiba, trabalho eu dedicado também a sua pessoa.

A família é grande! Para tanto, vou situar aqui uma leva completa! Vamos lá, **Alexandre Pequeno**, primo velho, cabra *home*; **Arthur, Marcio, Sharlle, Marciano, Mauricio, Marcelo** (intelectual, gente fina), **Ana Lucia** e, todos os **tios e tias**, além-claro, da minha querida avó **Severina Simplicio**, este trabalho também dedicado a vocês.

Depois desse paragrafo, não posso deixar perpassar aqui algumas palavras que representam muito para mim, pois dedico também esse trabalho a ninguém menos que aos meus amigos e amigas. Sei que corro o risco de esquecer algum de vocês, mas para além desse risco, faço questão de situar cada um, pois são muitas as pessoas que conhecemos na vida, mas poucas são aquelas que sabem o valor da amizade. Assim, começo lembrando dos amigos da infância, a você **Fabricio Araújo**, a saudade dos bons tempos é grande, dos tempos em que criávamos e pegávamos passarinhos nos sítios alheios, há saudades, das brigas

de galo que não existem mais. Saudades das conversas bobas que matavam nosso tempo, **Fabricio Araújo**, por que partistes dessa para outra antes do tempo? Um dia, nos encontraremos meu velho amigo. E você **Giliard Araújo**, meu amigo, também tenho saudades dos velhos tempos, das brincadeiras e *fuleiragens*, dos jogos de sinuca, das conversas e dos “tempos perdidos”. Era tudo bom, tudo valeu apenas. Você **Gil** será sempre eterno, pois amigo de verdade nunca morre, e sua memória pra mim é uma honra reviver.

Eita! Que são muitos os amigos, mas vamos lá. Você **Carlos Emanuel** sempre Maneu, intelectual nato, predestinado historiador, o Holandês de sólida formação franciscana, honra para poucos ter construído amizades como a tua Maneu. Para falar a verdade, intelectual a gente só encontra na universidade, por isso, você holandês é aquele sujeito que somente se encontra em ambientes singulares. A vocês, **Alex, Rosemeire, Tarcyane, Janikeli, Juliana, Lucileide, Ivanildo** amigos de formação, foi sem dúvida um prazer estudar com vocês, segundo Paulo Freire a gente aprende dialeticamente e, suas presenças em sala de aula fez com que isso se instrumentalizasse.

Outro amigo que faço questão de situa-lo aqui é você **Herbert Araújo**, grande Beto, amigo das antigas, tive o prazer de ter sabido que um intelectual leu meu trabalho. Para mim, um honra. E, tome amigos! Amigos do *busão*, **Erik, Welisson e Paulo** da filosofia, amigos minha conquista também é de vocês. São muitos os amigos, lembro-me de **Edson Salvador**, amigo das antigas que merece aqui um espaço, pois este trabalho é nossa vitória, nossa conquista.

Nesse sentido, também quero agradecer e dedicar este trabalho a meu amigo **Marcio Alves**, você meu caro que leu trabalho, que me orientou também, obrigado, muito obrigado Marcio!

Devo considerar que este trabalho também é fruto de todos e todas que me guiaram intelectualmente, meus mentores, desde o ensino básico até a academia, vocês contribuíram para minha formação meu muito obrigado a **Fatima Porfirio, Zé da D' vinte, Joário, Sales, Joselito**, todos e todas do ensino básico. Na academia, quero agradecer ao curso de história, a dona **Socorro Moraes**, boa funcionária, e aos professores, **Matusa**, o velho **Adoniran, Socorro Cipriano, Faustino Teatino, Bruno Gaudêncio, Auricelia, Ofélia, Anselmo** (grande Anselmo), **Cristiano** (gaúcho gremista), **Patricia** (grande Patricia), **Egito, Daniel Ely, Baby, Giselda, Francisco Dias, José Adilson Filho** e, todos e todas que aqui esqueci minhas sinceras desculpas e meu muito obrigado por tudo.

Dedico também este trabalho a **você leitor ou leitora** que agora perde ou ganha seu tempo lendo estas linhas, saiba que na vida tudo passa, mas que também investi um pequeno

tempo do meu tempo em você, para que um dia você lesse essas palavras e ficasse sabendo que sua pessoa também é importante neste momento, neste trabalho.

Quero registrar que este trabalho também é fruto do trabalho conjunto com o professor **Ramsés Nunes**, por isso, quero lhe agradecer meu amigo, professor e colega de profissão pela oportunidade que você tem me dado não apenas na orientação deste trabalho, mas pelo apoio que vem me dando na carreira academia, desde a participação no seu projeto de Iniciação Científica, passando pela participação no grupo de pesquisa GEPHELC. Para mim, foram ricas as experiências de pesquisa, saiba que foi por meio de você faraó que aprendi a crescer, seja perdendo o medo de viajar, apresentar e publicar trabalhos. Meu muito obrigado.

Enfim, também dedico este TCC a banca examinadora, ao professor **José Jassuípe** a **Patrícia Aragão**, e novamente ao professor **Ramsés Nunes**, orientador deste trabalho, fico orgulhoso por ter vocês como avaliadores. Muito obrigado.

RESUMO

A História Cultural e a História da Educação enquanto campos de reflexões são bastante recentes. Ambas surgiram no Brasil durante o século XX e vem sendo suporte teórico para importantes pesquisas no âmbito da historiografia. Para tanto, este trabalho objetiva abordar a luz das matrizes teóricas ressaltadas e das categorias de análise como a cultura, as representações e as práticas escolares a seguinte instituição confessional: O Colégio Diocesano Pio X. Mais precisamente o período de 1894 a 1910. No entanto, a escolha do objeto de pesquisa surgiu a partir de um mapeamento temático realizado sobre o tema. Assim, a partir de um levantamento de fontes bibliográficas bem como da reflexão baseada em documentação primária tornou-se possível a realização desta pesquisa. Destarte, constatamos que os trabalhos que objetivam investigar o universo instrucional dos colégios diocesanos no Brasil e, principalmente no âmbito dos programas de pós-graduação no estado Paraíba ainda se apresentam lacunares.

Palavras-chave: História da Educação. Diocesano. Cultura Escolar. Representações.

ABSTRACT

The Cultural History and the History of Education as fields of reflections are quite recent. Both appeared in Brazil during the 20th century and has been theoretical support for important research in the field of historiography. For both, this work aims to approach the light of arrays teóricas noteworthy and of categories of analysis such as culture, the representations and the school practices the following religious institution: The College Diocesan Pius X. More precisely the period of 1894 to 1910. However, the choice of the object of research came from a mapping Dereck carried out on the subject. Thus, from a survey of bibliographic sources as well as the reflection based on primary documentation became possible to conduct this research. In this way, we see that the work aiming at investigating the universe of instructional diocesan colleges in Brazil and, mainly in the sphere of the postgraduate programs in Paraíba state are still deficient.

Keywords: History of Education. Diocesan. School Culture. Representations.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro I: Trabalho publicado na revista on-line do HISTED-BR.....P.24

Quadro 2 - Quadro II: Trabalhos publicados on-line no CBHE.....P.26

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Dom Aauto de Miranda Henriques.....	P.27
Figura 02- Papa Pio X.....	P.28
Figura 03- Colégio Pio X e seu corpo discente.....	P.29
Figura 04- Colégio Diocesano Pio X.....	P.30
Figura 05- ATAS da Congregação dos professores do Diocesano. Manuscrito, 1906.....	P.31

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	P.13
1. CAPITULO I.....	P. 15
1.1. A PROCURA DE CATÉGORIAS DE ANÁLISE PARA OS ESTUDOS SOBRE UMA INTITUIÇÃO ESCOLAR CONFSSIONAL NA PARAHYBA DO NORTE.....	P. 15
1.2. REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA ESCOLA CONFSSIONAL.....	P. 18
1.3. CULTURA ESCOLAR E A INSTRUÇÃO CATÓLICA.....	P. 20
2. CAPITULO II.....	P. 22
2.1. OS COLEGIOS DIOCESANOS NA HISTÓRIA DA INSTRUÇÃO CONFSSIONAL BRASILEIRA: UM MAPEAMENTO TEMÁTICO.....	P. 22
2.2. UM COLÉGIO DIOCESANO NA PARAHYBA DO NORTE: PIO X.....	P. 26
2.3. FUNDAÇÃO, ESTRUTURAÇÃO E PRÁTICAS ESCOLARES DOS PRIMEIROS ANOS.....	P. 27
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	P. 31
4. REFERÊNCIAS.....	P. 32

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A História Cultural e a História da Educação enquanto campos teóricos de reflexões são bastante recentes. Ambas surgiram no Brasil no século XX, primeiramente, os estudos da História Cultural ganharam força nas últimas décadas desse século, especialmente com trabalhos dedicados a investigar o cotidiano, as representações e as práticas culturais. Nessa modalidade historiográfica, os principais nomes são os dos historiadores Roger Chartier, Michel de Certeau e Peter Burke.

Por outro lado, a História da Educação em nosso país esteve muito atrelada à trajetória das escolas normais. Primeiramente, nasceu mesclada aos cursos de pedagogia das faculdades de filosofia da Universidade de São Paulo (LOPES, 2001, p.25) e veio a se efetivar posteriormente com a criação de cursos de pós-graduação e grupos oficiais de estudo. Por exemplo, em 1986 foi criado o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTED-BR), posteriormente, no ano de 1991, surgiu o Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba (HISTEDBR-PB).

Assim, ligado aos grupos de pesquisa surge a partir do ano de 2000 uma linha de pesquisa em História da Educação no programa de pós-graduação em educação na Universidade Federal da Paraíba, bem como, em 2014 partindo da mesma perspectiva, está em andamento a criação de uma terceira linha de pesquisa intitulada *práticas educativas* que abrangerá pesquisadores em História da Educação no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande/PB.

É importante destacar também a criação em 2012 do Grupo de Estudos em História da Educação Laica e Confessional, GEPHELC, ligado a Universidade Estadual da Paraíba. Esse grupo vem criando e produzindo discussões no âmbito das instituições laicas e religiosas concernentes a historiografia local. Para tanto, fruto de uma das pesquisas levantadas por um pesquisador do grupo e de iniciação científica, CNPQ/UEPB, emergiu este trabalho de conclusão de curso.

Assim, procuramos inquirir sobre a perspectiva do tema *Colégios Diocesanos* a luz da historiografia da educação brasileira, uma vez que, inferimos serem as pesquisas que objetivam investigar esse tipo de universo instrucional e confessional no Brasil e, principalmente no âmbito do estado da Paraíba ainda lacunares.

Partindo de uma inquietação de pesquisa e dos dados parciais de um mapeamento temático (realizado on-line) buscamos delimitar nossa análise. De fato, procuramos saber

quais representações, cultura e práticas escolares criadas e vivenciadas nos primeiros anos do Colégio Diocesano Pio X. Mais precisamente o período de 1894 a 1910.

Nesse sentido, a partir de um levantamento de fontes bibliográficas bem como da reflexão baseada em documentação primária. Por exemplo, *Jornal a Imprensa*, bem como fotografias do início do século XX e, um raríssimo livro de Atas da Congregação dos professores e Lentes do Colégio Diocesano Pio X datado do ano de 1906. O referido documento manuscrito está sendo paleografado, e seu conteúdo possibilita descortinar as relações entre o estudo e as práticas instrucionais confessionais. No tocante a ideia de cultura escolar (JULIA, 2001, p.10) podemos delimitar que existe na documentação exemplos vinculados as normatividades e práticas educacionais, bem como das representações (CHARTIER, 1991) criadas a partir daquele educandário.

Destarte, esta pesquisa, ainda em andamento, está dividida em dois capítulos: o primeiro está subdividido em três tópicos intitulados “A procura de categorias de análise para os estudos sobre uma instituição escolar confessional na Parahyba do Norte”; “Representações e práticas da escola confessional” e “cultura escolar e a instrução católica”. O segundo capítulo, também está fragmentado em três tópicos: “Os colégios diocesanos na história da instrução confessional brasileira: um mapeamento temático”; “Um colégio diocesano na Parahyba do norte: Pio X”; “Fundação, estruturação e práticas escolares dos primeiros anos”.

1. CAPITULO I

1. 1. A PROCURA DE CATÉGORIAS DE ANÁLISE PARA ESTUDOS SOBRE INTITUIÇÕES ESCOLARES.

A História Cultural e a História da Educação enquanto dimensões de reflexões são muito recentes. Ambas surgiram em nosso país no século XX. Com relação aos estudos em História Cultural, eles ganharam força nas últimas décadas desse século, especialmente com trabalhos dedicados a investigar o cotidiano, as representações e as práticas culturais.

É importante diferenciarmos a História da Cultura, da História Cultural, pois aquela é condicionada a leitura em que se proceda à interpretação e a compreensão através das artes. Esta última abrange os estudos que estão diretamente ligados ao largo das manifestações culturais produzidas pelo homem.

A História Cultural, paulatinamente, ela tem se consolidado:

Se entre os anos 1950 e 1970 a História Econômica foi talvez a modalidade historiográfica a ocupar um lugar de maior destaque na historiografia, sem demérito para os inúmeros outros campos históricos, as últimas décadas do século XX acenaram com a emergência de uma Nova História Cultural [...] (BARROS, 2011, p. 38).

Nesse contexto de final de século, muito embora a História Cultural tenha ganhado visibilidade, ela somente:

[...] tornou-se possível na moderna historiografia a partir de uma importante expansão de objetos historiográficos [...] esta modalidade historiográfica abre-se a estudos os mais variados, como a ‘cultura popular’, a ‘cultura letrada’, as ‘representações’, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos [...] (BARROS, 2005, p.126).

Assim, nova História Cultural abrange uma riqueza de objetos, abordagens e métodos que vem sendo utilizados, cada vez mais, pelos historiadores, destarte possibilitando a (re)-construção da História. Portanto, nessa modalidade historiográfica, os principais nomes são os dos historiadores Roger Chartier, Michel de Certeau e Peter Burke.

Por outro lado, no tocante a História da Educação surgiu, primeiramente enquanto disciplina na Europa nas últimas décadas do século XIX e, segundo Lopes (2001, p.25) em nosso país a História da Educação esteve muito atrelada às trajetórias das escolas normais. Primeiramente, nasceu mesclada aos cursos de pedagogia das faculdades de filosofia da Universidade de São Paulo.

Para Silva (2014, p.14), apenas durante as décadas de 50 e 60 do século XX no Brasil, começa a configurar-se um campo de pesquisas em História da Educação. Notadamente, a produção historiográfica somente teve surgimento quando da criação dos centros de pesquisas, por exemplo, em 1955 aparecem o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) de São Paulo. Destarte, por volta dos anos 1960, e início da década de 70 ocorreu o surgimento dos programas de pós-graduação.

No entanto, somente a partir de 1990 houve a consolidação da pós-graduação e foi marcado, epistemologicamente, pela crise dos paradigmas, ou seja, houve nesse contexto, uma maior pluralidade temática. Vejamos o que se afirma:

É justamente nesse [...] momento que são privilegiados temas como cultura, formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, questões de gênero, infância e obviamente, as instituições escolares. (Nosella; Buffa, 2013, p.17).

Diante desse contexto, Lopes, (2001, p. 42-43) faz um alerta sobre as atuais pesquisas:

Se por um lado, esse alargamento dos objetos e das fontes tem ‘fertilizado’ o campo da História da Educação, por outro, constitui um desafio para os que nele atuam, na medida em que [...] é um campo do conhecimento em que a tradição de pesquisas é recente e marcada por uma série de vícios corremos o risco de, agora que nos afastamos de alguns quadros conceituais que de alguma maneira engessavam nosso olhar, realizamos pesquisas pouco relevantes, pouco rigorosas e que trazem poucas explicações para realidade.

Embora grandes sejam os desafios encontrados pelos pesquisadores da área, muitos historiadores resistem às dificuldades e desenvolvem suas pesquisas atreladas aos grupos de pesquisas. Muitos desses grupos surgiram por volta dos anos 90. Lopes (2001, p.35) afirma que se criou em 1991 o grupo de estudos e pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” e em 1999 o grupo “Sociedade Brasileira de História da Educação”, contudo a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) foi criada em 1978.

No que se refere às pesquisas no Estado da Paraíba, Pinheiro *et al* (2012) afirma que o projeto nacional de catalogação de fontes primárias dirigido pelo grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas possibilitou a criação do grupo de estudos HISTEDBR-PB em 1992. Assim, o grupo tem a sua historicidade, ou seja, depois da catalogação nacional de fontes primárias e secundárias para a História da Educação Brasileira, surgiu à necessidade

de organizar uma linha de pesquisa dentro do respectivo grupo de estudos. Diante disso, se pensaram concentrar esforços para estudar a historicidade do objeto: instituições escolares.

Desse modo, no tocante as instituições escolares, artigos, monografias, dissertações e teses vêm discutindo, cada vez mais esse objeto, pois ele nos permite pensar o universo histórico do ambiente pesquisado, definindo sua trajetória, e apresentando uma nova historiografia. De acordo com Saviani (2007, p.24):

Propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras implica admitir a existência dessas instituições que pelo seu caráter durável, têm uma história que nós não apenas queremos como necessitamos conhecer.

Com efeito, se queremos entender melhor as formas de sociabilidade, de ser e estarmos no mundo, é preciso conhecer a história das instituições escolares, sejam quais forem suas matrizes, laicas ou religiosas. Pois como se sabe, os espaços instrucionais não nascem do nada afirma Campos (2013, p.03). O surgimento dos espaços instrucionais não emergem espontaneamente, mas se desenvolvem e se transformam, paulatinamente através do tempo, num dado cenário histórico e numa dada temporalidade específica.

Desta, e de outras formas os pesquisadores ratificam os estudos em História da Educação e, cada vez mais, consolida-se a linha de pesquisas sobre as instituições escolares. Respectivamente, essa linha de pesquisa, no âmbito local, é realizada nos programas de pós-graduação da Universidade Federal Paraíba, bem como, recentemente tem sido discutido a implantação desse tipo de pesquisa na Universidade Federal de Campina Grande.

No entanto, no âmbito nacional, Nosella; Buffa (2013) fizeram levantamentos entre 1971 e 2007 e constataram 306 textos, entre teses e dissertações nos programas de pós-graduações em educação das universidades USP, UNESP, UNICAMP, PUC/SP, PUC/RJ, UFRJ, UFMG, UFSCar, UFU, UNIMEP e concluíram que é notável o crescimento de pesquisas sobre história das instituições escolares, principalmente a partir dos anos 90.

Esse crescimento, se dar pela certeza da imensa possibilidade de análise historiográfica. Desta forma, os pesquisadores delimitaram abaixo:

Contexto histórico e circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; vida escolar, o edifício: organização do espaço estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; normas disciplinares: regimentos, organização do

poder, burocracia, prêmios e castigos; eventos: festas, exposições, desfiles. (NOSELLA; BUFFA, 2013, p.18).

Portanto, é possível inferir a partir das análises acima, que podemos trabalhar com pequenos objetos sejam de quais forem às matizes instrucionais. No que refere as escolas de tendência confessional, os estudos vem ganhando abrangência nos últimos anos, porque como se sabe a educação brasileira ocorreu dentro de um contexto religioso e tornam-se relevantes estes estudos pelo caráter lacunar existente em nossa historiografia.

Segundo Ferreira (2013) as instituições escolares de matizes confessionais são passíveis de serem estudadas, principalmente, quando em analogia com as que seriam proporcionalmente contrárias a cultura cristocêntrica: as práticas escolares secularizadas e laicas. Assim, os estudos sobre as instituições religiosas proporcionam reestruturar novos sobre a temática.

Os novos olhares passam pelo respectivo crivo de abordar a história e a memória de uma instituição escolar implicando segundo Campos (2013) perscrutar a construção das identidades dos sujeitos que nela inseriram, a sua a cultura, bem como as ações do cotidiano e as relações de poder que permeiam o espaço instrucional e também conhecer quais as *práticas, culturas e representações* ali vivenciadas.

Portanto, para desenvolver a investigação das instituições educacionais é importante para o historiador entender as tessituras nacional e local da educação, e como afirma Silva (2014) visando sempre discutir mais exclusivamente a educação religiosa entendendo essa como de variadas vertentes seja espírita, evangélica ou católica tendo em vista a sua predominância no Brasil e a sua forte influência no Estado da Paraíba.

1.2 REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA ESCOLA CONFSSIONAL.

As noções de “Representação”, “Práticas” e o conceito de “Cultura Escolar” vêm sendo trabalhados gradativamente nas pesquisas que abrange os campos da História Cultural e da História da Educação. No primeiro momento, destacam-se aquelas duas noções, posteriormente, discorreremos sobre a cultura escolar na perspectiva da instrução católica.

Destarte, Barros (2005) chama de “noções” os termos referentes às “práticas” e a “representações” elaboradas no campo epistemológico da História Cultural. Essas duas categorias de análise são utilizadas como forma teórico-metodológica nos projetos e pesquisas historiográficas, pois permitem ao historiador enveredar cada vez mais na seara de seu objeto

instrumentalizando uma prática e uma representação do passado. Sobre estas noções, vejamos:

[...] a Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois pólos. Tanto os objetos culturais seriam produzidos ‘entre práticas e representações’, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos ‘modos de fazer’ e aos ‘modos de ver’ (BARROS, 2005, p.131).

O que seria então “representações”? Observamos:

Nas definições antigas (por exemplo, a do *Dicionário universal de Furetière* em sua edição de 1727) [...], as acepções correspondentes à palavra ‘representação’ atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. (CHARTIER, 1991, p.183).

No sentido das noções acima, notadamente o que tange as *significações* da escola confessional no Brasil e no estado da Paraíba, elas foram durante décadas criadas a partir da instrumentalização dos paradigmas, geralmente, cristocentricos sejam eles católicos ou protestantes. Desse modo, segundo a análise de Ferreira (2013, p. 04) “as representações da escola confessional que se constituíram profícuas [...] se cristalizaram a partir de práticas, instrumentais, vivências de educadores (as) e discentes, e na fundação e fixação de escolas.”

Assim, as práticas instrumentais de base religiosa foram durante muitos anos preponderantes para construção do perfil e do referencial ético-moral conservador do educando. Considerando que a educação de cunho confessional tinha por objetivo formar um tipo de homem e mulher que atendesse ao *chamado de Deus: para ‘viver em cristo’* e, educando gerações no escopo do cristianismo, as práticas instrucionais confessionais buscavam manter longe da sociedade toda e qualquer possível materialização de representações do liberalismo, do evolucionismo, do ateísmo iluminista ou do positivismo.

No entanto, com a proclamação da República e o fim do Padroado a Igreja Católica perde o privilegio de ser religião oficial, emergindo no mesmo contexto a incipiente instrução baseada no laicismo, na contramão disso a Igreja buscou recuperar territorialidades a partir da proliferação das práticas instrucionais (SILVA, 2013, p. 04). Destarte, aquela instituição tinha repúdio do que inevitavelmente poderia vir a ser a sociedade sem suas escolas católicas. O editorial de 1897, publicado no jornal *A Imprensa*, principal periódico católico retrata a preocupação das lideranças católicas:

Um menino educado numa escola catholica, ainda que não perca de todo a fé, fica indiferente e relaxado em matéria de religião. E' fora de dúvida que os meninos que não são educados em escolas catholicas, cahirão no indiferentismo religiosos e os filhos deles não serão mais catholicos. Dentro de três gerações uma parochia sem escola catholica desaparecerá (A IMPRENSA, 1900, p-4).

Desse modo, era relevante a presença da instituição escolar católica não apenas para manter a representação e materialização da ideologia cristã na sociedade, como também estrategicamente assegurar a sobrevivência da instituição romana no Brasil. No estado da Paraíba, destacou-se a atuação do primeiro bispo da Diocese, o Dom Aduino de Miranda Henriques que não cansou de trabalhar em prol do projeto de Igreja que ele tinha em mente, considerando que no interior do estado da Paraíba ele fundou uma grande quantidade de escolas confessionais.

1.3 CULTURA ESCOLAR E A INSTRUÇÃO CATÓLICA.

No tocante, a Cultura Escolar, longe de fazermos um levantamento de toda a produção acadêmica que se utiliza desse conceito e de quantificarmos os títulos e trabalhos científicos sobre o tema, destacou-se alguns intelectuais que vem se labutando há pouco tempo e tecendo produções nesse âmbito. Por exemplo, André Chervel, Dominique Julia, Antônio Viñao Frago e Jean Claude Forquin são alguns dos nomes que emergiram nessa discussão.

Para André Chervel (1990, p. 184) a escola representa um lugar peculiar, importante e original, pois é detentora de uma capacidade inerente de criar uma cultura escolar específica. Essa especificidade se materializa no momento em que o espaço escolar tem mostrado a capacidade de produzir aprendizados originais, seara de saberes produzidos nos intramuros do espaço instrucional. Dessa forma, Chervel retruca a ideia de que a escola não produz saber próprio e de que o conhecimento emana e se tece do ensino superior tornando-se pragmático no ensino básico.

Por outro lado, Dominique Julia conceitua a Cultura Escolar:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.10).

Fica nítido que Julia enfatiza as normas e, principalmente, as práticas escolares. Portanto, para ele é preponderante a análise do funcionamento interno da escola. Não somente, deve-se atentar para a ênfase na incorporação de um *habitus*, de um comportamento que dificilmente uma criança ou adolescente ausente da escola poderia possuir.

O pesquisador Jean Claude Forquin outro estudioso do currículo, da didática e do saber escolar, afirma a partir de suas análises que a cultura escolar é uma cultura segunda, uma vez que há de considerar a preponderância da ciência primeira, aquela de criação. Assim, a escola tem o objetivo de trabalhar a ciência mãe considerando o escopo de regras institucionais de normatividades e possibilidades de mediação didática, bem como o estado profissional do corpo docente e a relação desses com os educandos. Nesse sentido, Forquin (1992, p.33-34) afirma que:

A cultura escolar apresenta-se assim, como uma cultura segunda com relação à cultura de criação ou de invenção, uma cultura derivada e transposta, subordinada inteiramente a uma função de mediação didática e determinada pelos imperativos que decorrem desta função, como se vê através destes produtos e destes instrumentos característicos constituídos pelos programas e instruções oficiais, manuais e materiais didáticos, temas de deveres e de exercícios, controles, notas, classificações e outras formas propriamente escolares de recompensas e de sanções.

Faria Filho (2004, p.146) ratifica o que Jean Claude Forquin considera por cultura escolar, como sendo derivada das ciências fonte, de origem acadêmica quando destaca três imperativos na conformação da transposição didática.

O primeiro, a transposição propriamente dita [...] O segundo, a interiorização, decorria do uso dos dispositivos de repetição e exame como forma de assimilação. O terceiro, os imperativos institucionais, referiam-se ao tempo de aula, a divisão do conhecimento por séries, aos ritmos de exercícios e aos mecanismos de controle.

Jean Claude Forquin (1993) também ressalta que a cultura escolar é seletiva no que concerne a cultura social. Com efeito, seguindo seu raciocínio, o social também tem cultura, fazemos e vivemos mesmo fora da escola culturas, estamos imersos nela, patrimônio simbólico, que passa a ser filtrado pelo espaço instrucional.

Por outro lado, Antônio Viñao Frago (1995, p.69) discorre sobre a acepção de cultura escolar estendendo e entendendo aquela como sendo tudo o que ocorre no interior da escola. Objetivos, planejamentos, normas, horários, diálogos pedagógicos, modos de pensar, objetos materiais, condutas seja de alunos, professores, porteiros, merendeiros, diretores etc. Entretanto, ele afirma que há alguns aspectos que são mais relevantes que outros, por

exemplo, o tempo dedicado aos estudos, os espaços escolares onde se tece as atividades didáticas que são visíveis no elemento educacional.

Considerando-se que Frago (1995) alarga a acepção de cultura escolar, torna possível dizer que ele preferia o conceito de culturas escolares, pois a acepção variava de acordo com a instituição disciplinar investigada. Para ele, ao investigar uma instituição escolar a partir de sua cultura, o pesquisador deve abarcar todas as dimensões do dia a dia, seu *cotidiano*.

Nesse sentido, a partir das acepções acima, podemos afirmar que a instrução católica sempre foi imbuída de uma cultura ou mesmo de culturas escolares. Se retroagirmos no passado educacional brasileiro percebemos que ele se deu, primeiramente, dentro de um contexto religioso, lembremos, por exemplo, do Ratio Studiorum que era um plano geral de estudos da companhia de Jesus e que foi implantado em todos os colégios da ordem.

Partindo das diferentes acepções de Julia (2001); Chervel (1990); Forquin (1993) e Frago (1995) sobre a cultura escolar pode-se dizer que a instrução católica comportou/a, ao menos que, minimamente, características singulares desses diferentes conceitos de cultura escolar. Assim, considerando os meandros históricos percorridos pela educação confessional no Brasil, além da destacada atuação da Ratio Studiorum que normatizava e instrumentalizava práticas instrucionais no período colonial, é importante destacar que a cultura escolar religiosa se afirmou também a partir da proliferação/criação de espaços instrucionais advindo do arrefecimento político da Igreja (MARTINA, 1996, p.70), (AZZI, 2008, p.34-50).

2. CAPITULO II

2.1. OS COLEGIOS DIOCESANOS NA HISTÓRIA DA INSTRUÇÃO CONFSSIONAL BRASILEIRA: UM MAPEAMENTO TEMÁTICO

Neste momento, buscamos refletir sobre as perspectivas do tema, *colégios diocesanos*, na História da instrução confessional brasileira. Para tanto, foi realizado um levantamento on-line de trabalhos sobre a temática, publicados em importantes congressos e revistas de história da educação. Foram considerados os seguintes eventos: *Reunião Anual da ANPED* (o Grupo de Trabalho de História da Educação), Revista do *HISTED-BR* e o *Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE)*.

Neste sentido, José Gonçalves Gondra e Dermeval Saviane ao discorrerem sobre a produção dos balanços no âmbito da história da educação, fomentando-nos a reflexão acerca de como tais balanços podem possibilitar a necessidade, a possibilidade, a condição e a

direção de perpassar “além dos balanços” (GONDRA, 2007, p. 164). Destarte, Demerval Saviani ressalta quatro tipos de balanços possíveis de fazer na historiografia da educação brasileira:

1) o balanço como um levantamento da situação em que se encontra a produção historiográfica, uma espécie de ‘estado da arte’, realizado em função de objetos específicos de pesquisa que se pretende investigar; 2) o balanço como um registro sequencial do conjunto da produção da área, visando evidenciar a progressiva constituição, desenvolvimento e consolidação do campo da história da educação no Brasil; 3) o balanço como uma sistematização da produção disponível na área, tendo em vista sua incorporação ao ensino da disciplina história da educação nos cursos de pedagogia e de mestrado e doutorado em educação; 4) o balanço como um levantamento, mais ou menos exaustivo, dos estudos e pesquisas produzidos, tendo em vista compor um registro global que, colocado à disposição dos estudiosos da área, será utilizado de acordo com os seus interesses específicos.(SAVIANI, 2007, p. 150).

Mediante as acepções de Saviani (2007) sobre os balanços que são possíveis de realizar. Buscamos fazer uma delimitação, uma vez que, não conseguimos ter acesso aos dois primeiros eventos do Congresso Brasileiro de História da Educação. Nesse sentido, procuramos organizar nossa pesquisa dos anos 2004 a 2013, tanto para o CBHE como para as reuniões da Anped. No entanto, o recorte para as pesquisas no HISTED-BR foi dos anos 2001 a 2012.

Com relação à pesquisa realizada on-line na página oficial da Anped temos alguns resultados. De fato, foram analisadas as dez últimas reuniões do Grupo de Trabalho de História da Educação, ao todo foram publicados 138 trabalhos, desde a vigésima sétima reunião ocorrida na cidade de Caxambu-MG em 2004 até a trigésima sexta reunião ocorrida em 2013 na cidade de Goiânia-GO. Nesse sentido, foram identificados (14) trabalhos publicados na vigésima sétima reunião, na vigésima oitava foram (20) artigos; na vigésima nona (11) trabalhos, na trigésima foram (17) artigos publicados, a trigésima primeira reunião contou com (12) publicações, a trigésima segunda (13) trabalhos, a trigésima terceira (10), trigésima quarta (15), trigésima quinta (11) e, trigésima sexta (15) trabalhos.

Assim, analisamos, ano por ano, o GT de História da Educação e pudemos constatar que muitos trabalhos se dedicaram a inquirir a trajetória de escolas normais e estaduais, outros trabalhos tratavam sobre objetos diversos, contudo, o tema/objeto *Colégios Diocesanos* não foi encontrado nenhum trabalho. Muito embora, tenham sido encontrados artigos que dedicassem a problematizar e historicizar práticas escolares em colégios católicos, esses geralmente não eram diocesanos e sim dirigidos por congregações religiosas.

Por outro lado, com relação à pesquisa no periódico on-line do HISTED-BR dos anos 2001 a 2012, (Os números 2º a 45) identificamos um total de 618 publicações. No entanto, não conseguimos ter a acesso ao primeiro número da revista realizada no ano de 2000. As edições especiais de 2006, 2009, 2010 e 2011 não foram analisadas.

Assim, todos os artigos investigados e publicados obedeceram a quaisquer das seguintes linhas de pesquisa *historiografia e concepções teórico-metodológicas da História da Educação, estudos temáticos e História Regional da Educação, Estudos Histórico-Biográficos da Educação*. Dessa forma, tivemos que analisar ano a ano todas as publicações concernentes a essas temáticas.

O número 15 (Publicação de Setembro/2004) contou com dezenove trabalhos aprovados pela comissão científica do HISTED-BR e, com exceção desta edição, todas as demais investigadas não foram encontradas pesquisas que abrangessem temas/objetos como *colégios diocesanos*. Assim, conforme descrito no quadro I abaixo foi encontrado somente um trabalho publicado neste respectivo número da revista.

Evento	Eixo	Autor/Instituição	Título	Descrição
Revista Histed-Br On-line número 15 (Publicação de Setembro/2004)	Estudos temáticos e História Regional da Educação	Washington Abadio da Silva e Décio Gatti Júnior	A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na princesa Do sertão: o colégio marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)	Trata-se de pesquisa no campo da História das Instituições Educacionais, cujo objeto foi o Colégio Marista Diocesano de Uberaba, no período de 1903 a 1916, com o objetivo geral de conhecer o processo de criação e implantação do mesmo.

Quadro I: Trabalho publicado na revista on-line do Histed-br.

Se considerarmos que em 11 anos (2001-2012) totalizaram 618 publicações na revista on-line do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" e, que somente um trabalho se dedicou a discutir sobre o tema/objeto: Colégios Diocesanos percebemos que há certa “natureza” lacunar desse tipo de discussão em nossa historiografia.

Por outro lado, com relação aos eventos do Congresso Brasileiro de História da Educação convém reiterar que iniciamos nossa pesquisa a partir dos anos 2004, ou seja, do III CBHE realizado em Curitiba na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) que, inclusive, foram aprovados 418 comunicações orais naquele ano. Embora, tenhamos delimitado para análise os seguintes eixos temáticos: II- Estudos comparados (13) trabalhos; III- Políticas educacionais e modelos pedagógicos com (107) artigos; IV- Cultura escolar e práticas educacionais (112) trabalhos; VIII- Ensino de História da Educação (06). Assim, em nosso mapeamento não foram identificados trabalhos sobre o tema/objeto Colégios Diocesanos nesse evento.

Em relação ao IV Congresso Brasileiro de História da Educação realizado em 2006 na cidade de Goiânia/GO foram aprovados 457 trabalhos e delimitamos para análise os seguintes eixos temáticos: II- História da profissão docente e das instituições escolares com (118) publicações; III-Cultura e práticas escolares (114) trabalhos; V-Historiografia da educação brasileira e História comparada (29) comunicações; VII- Arquivos, centros de documentação, museus e educação (28) trabalhos. Nesse Congresso, apenas um artigo¹ foi identificado, pois seu objeto e abordagem são concernentes ao tema *colégios diocesanos*.

O V CBHE realizado em 2008 na cidade de Aracaju estado do Sergipe teve um total de 634 comunicações individuais dos quais delimitamos para analisar os seguintes eixos temáticos: História da profissão docente e das instituições escolares formadoras com (95) trabalhos; Cultura e práticas escolares e educativas, respectivamente, (146) trabalhos; Currículo, disciplinas e instituições escolares com (83) publicações; Historiografia da educação brasileira e história comparada (23) comunicações. Nesse evento não foram identificados nenhum trabalho referente à nossa intenção de pesquisa.

Já o VI Congresso Brasileiro de História da Educação foi realizado na cidade de Vitória Espírito Santo com o tema: “Invenção, tradições e escritas da História da Educação no Brasil” contou com significativas publicações, contudo, de todos os eixos temáticos, apenas dois eram possíveis de haver o tema (colégios diocesanos), assim o GT de História das instituições e práticas educativas contou com (213) trabalhos aceitos e o outro GT: Patrimônio educativo e cultura material escolar contaram com (27) trabalhos aceitos. Nesse último eixo temático, identificamos um trabalho².

O VII Congresso Brasileiro de História da Educação foi realizado em Cuiabá/MT na Universidade Federal daquele estado entre os dias 20 a 23 de maio de 2013 e foram propostos e desenvolvidos dez eixos temáticos, contudo, fizemos um recorte (uma vez que inferimos haver pesquisas sobre Colégios Diocesanos) e analisamos os seguintes GTs: História das

^{1 e 2} Ver no Quadro II: Trabalhos publicados on-line no CBHE.

culturas e disciplinas escolares com (43) trabalhos publicados; História das Instituições e práticas educativas com (199) artigos e, o GT de Patrimônio educativo e cultura material escolar que contou com (25) trabalhos. Nesse último mapeamento, não encontramos nenhuma comunicação oral que tratasse sobre o tema pesquisado.

Evento	Eixo	Autor/Instituição	Título	Descrição
IV Congresso Brasileiro de História da Educação.	Historiografia da educação brasileira e história comparada.	Raylane Andreza Dias Navarro Barreto UFRN.	História comparada da educação sacerdotal nos seminários da Paraíba e Sergipe (1894-1933).	Busca saber se os Colégios Diocesanos teriam os mesmos fundamentos, o mesmo ideal educativo, as mesmas práticas eclesialístico-escolares.
VI Congresso Brasileiro da História da Educação.	Patrimônio educativo e cultura material escolar.	Katya Mitsuko Zuquim Braghini; Ricardo Tomasiello Pedro; Raquel Quirino Piñas.	Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.	O objetivo do trabalho é apresentar aos pesquisadores o Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Além disso, discutir sobre as possibilidades de utilização do seu acervo escolar para a pesquisa em História da Educação.

Quadro II: Trabalhos publicados on-line no CBHE.

2.2. UM COLÉGIO DIOCESANO NA PARAHYBA DO NORTE: O COLÉGIO PIO X.

Com a criação da diocese da Paraíba em 1892, advinda no bojo do movimento de romanização da Igreja Católica, houve indubitavelmente, a criação de espaços instrucionais dedicados a construir representações dos mais variados modelos cristocêntricos, conforme Martina (1996, apud FERREIRA, 2013, p.01). Nesse contexto, a construção das estruturas de ensino aprendizagem entre os séculos XIX e XX obedeceram a uma série de embates. Entre eles os de ajustamento à manifestação de culturas escolares fundamentadas na laicidade ou na confessionalidade (FERREIRA, 2013, p. 02).

Diante de tal conjuntura, foram edificados vários colégios de cunho religioso para fazer-se frente à educação secularizada. Dom Aduino de Miranda Henriques³, não mediu esforços a praticar sua missão educativa construindo relevantes educandários. De fato, os principais colégios edificados foram o Diocesano Pio X que serviu de espaço importante para preparação das elites dirigentes (KULESZA, 2006, p. 96) masculinas, bem como o Colégio de Nossa Senhora das Neves que objetivava formar as filhas da oligarquia paraibana.



³ Figura 1: Dom Aduino de Miranda Henriques.

Fonte: Acervo Pessoal de José Eudes F. da Silva.

Assim, o bispo paraibano Dom Aduino manteve-se durante todo seu governo episcopal (1894-1935) uma postura ativa e crítica em relação aos políticos de tendência liberal que lutavam, veementemente, em prol da transformação do ensino. Para tanto, suas ações mais efetivas se deu no plano das práticas educativas. De fato, abaixo discutiremos a fundação, estruturação e práticas escolares nos primeiros anos de uma instituição que serviu de base estratégica para políticas confessionais de ensino.

2.3. FUNDAÇÃO, ESTRUTURAÇÃO E PRÁTICAS ESCOLARES DOS PRIMEIROS ANOS.

Ainda no mesmo dia da sua posse, fundou dom Aduino um Colégio Diocesano para aqueles que não queriam seguir a carreira eclesiástica (KULESZA, 2006, p.95), como uma

espécie de extensão menor do seminário arquidiocesano, nasceu exatamente para atender a uma série de condições particulares da jovem arquidiocese (SILVA, 2013, p.06). Assim, sob o nome do patrono Pio X⁴ o colégio confessional começa a se estruturar e consolidar paulatinamente nos primeiros anos do século XX.



⁴ Figura 2: Papa Pio X. Fonte: Acervo Pessoal de José Eudes F. da Silva.

Uma questão importante, que procuramos investigar em nossa pesquisa é sobre a maneira como era vista aquele educandário no início de sua fundação, entenda-se final dos oitocentos e início do século XX pela sociedade paraibana? Kulesza (2006, p.97) vai ser contundente ao afirmar que “[...] o Colégio Diocesano passou [...] até hoje como tradicional colégio da capital paraibana”.

Notadamente, varias gerações da antiga oligarquia paraibana até os tempos vigentes viam o respectivo Colégio Diocesano Pio X como sendo um autêntico educandário cristão, desta forma, demasiado moralizador. Ao começar pelos hábitos ao falar, ao vestir, ao se comportar, em suma, as práticas e a disciplina cristã. Tudo isso, indubitavelmente, é imbuído de uma gama de significados e de representações segundo Chartier (1991).

⁴ Giuseppe Melchiorre Sarto nasceu em Riese na Itália e foi eleito Papa em 1903 com o nome de Papa Pio X. Teve por antecessor Leão XIII e sucessor Bento XV.

Destarte, diferentemente de uma igreja, mas semelhante a ela, o Colégio Diocesano Pio X detinha simbologias cristãs que consolidava fortemente uma etiqueta doutrinária católica, percebemos isso nitidamente em alguns detalhes como, por exemplo, a cruz no cume de uma das cedas das sedes da instituição⁵.



⁵ Figura 3: Colégio Pio X e seu corpo discente.

Fonte: Acervo Pessoal de José Eudes F. da Silva.

Como toda instituição disciplinar, o Colégio Diocesano Pio X teve desde os seus primeiros anos de sua estruturação, um arcabouço organizacional necessário para seu funcionamento. Os planejamentos pedagógicos se instrumentalizavam durante varias reuniões. Nessas, eram discutidos ofícios e todos os afazeres disciplinares relevantes a serem realizados no ano letivo que iniciava.

A Cúria que representava a instituição estabelecia que durante cada reunião uma Ata devesse ser lavrada com o objetivo de estabelecer um conjunto de regras a serem descritas como obrigatórias. Essas reuniões ocorriam, geralmente, nos meses de fevereiro e novembro, sempre em um dos salões do Colégio Diocesano⁶. Nas sessões, a congregação estabelecia como necessária a tarefa de sistematizar o calendário das aulas concernentes às diversas cadeiras do curso primário e secundário.



⁶ Figura 4: Colégio Diocesano Pio X.

Fonte: Acervo Pessoal de José Eudes F. da Silva.

Os religiosos e dirigentes do Colégio Pio X (Padres e leigos) intencionavam fornecer uma educação de qualidade que inserisse os filhos das elites da capital paraibana e interior na cultura letrada. Para tanto, era necessário uma boa organicidade que atribuísse normas e práticas a serem cumpridas por todos os funcionários e educandos do respectivo colégio diocesano. Assim, Dominique Julia (2001, p.10) afirma que a cultura escolar tem “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e [...] um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos [...]”.

Segundo o *Livro de Registro da Congregação dos professores* de 1906⁷, a primeira reunião ordinária da congregação teve como pauta à composição de um corpo docente que deveria ter por incumbência estabelecer algumas designações, por exemplo, quem seriam as comissões examinadoras para as avaliações de formação e de madureza, qual seriam os dias e o tempo de duração das provas escritas e orais que selecionariam novos educandos para o ano letivo que iniciava.



⁷ Figura 5: ATAS da Congregação dos professores do Diocesano. Manuscrito, 1906.

Fonte: Acervo Pessoal de José Eudes F. da Silva.

Essas, e outras determinações eram necessárias. Desde a elaboração dos horários, até a função dos bedéis. Tudo era sistematizado pela Cúria dirigente do colégio. A austera organicidade levou gradualmente ao prestígio da instituição que de acordo com Silva (2013, p.12) entre as poucas escolas católicas a funcionar na capital paraibana, o Diocesano alcançava em 14 anos a condição de principal instituição escolar da cidade da Parayba do Norte.

Durante as reuniões, tudo que fosse salutar ao processo de ensino aprendizagem, era posto em pauta de discussão, com ênfase nas normas e nas práticas escolares atribuídas a cada um, nas suas funções e nos seus lugares. O enquadramento didático-pedagógico era estabelecido também, seja para recreação, seja para a oração ou distribuição das disciplinas. Assim, o Colégio Diocesano Pio X embora fosse tradicional já era nos inícios do século XX uma instituição bastante organizada e moderna.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que objetivam investigar o universo instrucional dos colégios diocesanos no Brasil e, principalmente no âmbito dos programas de pós-graduação no estado Paraíba, ainda se apresentam lacunares. De acordo com um levantamento realizado on-line sobre artigos publicados em importantes congressos e revistas (ANPED, HISTED-BR, CBHE) de história da educação foram analisados cerca de 2772 trabalhos, onde foram identificadas apenas três pesquisas que tratam sobre o tema.

Assim, dos trabalhos encontrados, nenhum busca problematizar quais as representações, cultura e práticas escolares criadas e vivenciadas nos Colégios Diocesanos, mormente, o Diocesano Pio X.

4. REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil: Terceira Época: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.34-50.
- BARROS, José de Assunção. **A Nova História Cultural**. Belo Horizonte: Cadernos de História, 2011.
- _____. José de Assunção. **A história Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Cuiaba: Diálogos, 2005.
- CAMPOS, Rafael dos Santos. Nos entrelaços da memória, nas tramas da história: [manuscrito] representações da escola agrícola Assis chateaubriand UEPB de lagoa seca – PB (1962-1992). In: 21. ed. CDD 907.2. Monografia (licenciatura plena em história) UEPB, 2013.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo: Estudos Avançados, 1991.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v.2, p.177.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na historia da educação brasileira**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2004.
- FERREIRA, José Eudes da Silva; OLIVEIRA, Catarina Batista. **Tecendo narrativas, práticas e significados: história e memória das instituições e educadoras (as) confessionais na Paraíba: 1897-1945**. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN, 2013.
- FORQUIN, J. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- _____. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GONDRA, José Gonçalves. Historiografia da educação, seus balanços e saberes – A ultrapassagem como problema. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo e TIBALLI, Eliandra (orgs). *A Educação e seus sujeitos na História*. Belo Horizonte: Argymentum,

2007, p. 163-179.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico.** In: Revista Brasileira de História da Educação nº1 jan./jun. 2001.

KULESZA, Wolciech Andrezej. Igreja e educação na Paraíba. In: AFONSO. **Pesquisa e historiografia da educação brasileira.** Campinas: Autores Associados, 2006. p. 87-113.

MARTINA, Giacomo, História da Igreja, De Lutero aos nossos dias, Vol. III, A Era do Liberalismo, Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1996.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&, 2001.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester (Org.). **Instituições Escolares.** Campinas: Alínea, 2013.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira (Org.). **Historias da Educação da Paraíba: Rememorar e comemorar.** Joao Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

SAVIANE, Demerval (Org.). **Instituições Escolares no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

_____, Demerval. Os balanços na historiografia da educação brasileira: sentidos e perspectivas. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo e TIBALLI, Eliandra (orgs). *A Educação e seus sujeitos na História.* Belo Horizonte: Argvmentum, 2007, p. 149- 161.

SILVA, Ramsés Nunes e; SILVA, Jose Eudes Ferreira da. **ACEITAMOS INTERNOS, SEMI-INTERNOS E VIGIADOS”:O DIOCESANO PIO X E AS REPRESENTAÇÕES DE UM GINÁSIO CONFSSIONAL MASCULINO NA PARAHYBA DO NORTE:1894-1922.** João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2013.

SILVA, Robson de Oliveira. Uma instituição escolar católica em Alagoa Grande [manuscrito]: as Irmãs Dorotéias e o Colégio Nossa Senhora do Rosário (1917– 1919) In: 21 ed. CDD 370.9. Monografia (licenciatura plena em história) UEPB, 2014.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

DOCUMENTOS PRIMÁRIOS

A IMPRENSA. **As escolas católicas.** Imprensa católica: Cidade da Parahyba, n.120.11Fev.1900.

ATAS da Congregação dos professores do Diocesano. Manuscrito, 1906.

SITES

ANAIS do III Congresso Brasileiro de História da Educação. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica. Curitiba: SBHE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. Acesso em 03 de agosto de 2014. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>.

ANAIS do IV Congresso Brasileiro de História da Educação. A Educação e seus Sujeitos na História. Goiânia: SBHE, Universidade Católica de Goiás, 2006. Acesso em 04 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>.

ANAIS do V Congresso Brasileiro de História da Educação. O ensino e a pesquisa em História da Educação. Aracaju: SBHE, Universidade Federal de Sergipe, 2008. Acesso em 05 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/index.php>.

ANAIS do VI Congresso Brasileiro de História da Educação. Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011. Acesso em 06 de agosto de 2014. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/.

ANAIS do VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá: SBHE, Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. Acesso em 08 de agosto de 2014. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>.

ANPED, Grupo de Trabalho de História da Educação. Reuniões nacionais (vigésima sétima a trigésima sexta). Acesso entre os dias 01 e 06 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacionais>.

Revista HISTEDBR On-line. Edições Anteriores (anos 2001 a 2012). Acesso entre os dias 25 e 29 de outubro de 2014. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes-antiores.html.